

Revista do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro

Repositório autorizado de jurisprudência
do Egrégio Supremo Tribunal Federal
Registro nº 25/99, de 22/04/1999
DJU nº 72, de 16/04/1999, p.1

Repositório autorizado de jurisprudência
do Egrégio Superior Tribunal de Justiça
Registro nº 37 – Portaria nº 1, de 26/10/1998
DJU de 05/11/1998, p.137 - Registro retificado
Portaria nº 9, de 14/06/1999 – DJ 22/06/1999

nº 78 out./dez. 2020

O *rosto* como arquétipo na ética da responsabilidade de Emmanuel Levinas

Adolfo Borges Filho*

Sumário

1. À guisa de introdução: interpretando o *Rosto* como arquétipo. 2. O *Rosto*. A *eleidade*. 3. A responsabilidade pelo *Outro*. 4. Conclusão. Referências bibliográficas.

Resumo

O propósito deste artigo é enfatizar a importância dada ao *Rosto*, como verdadeiro arquétipo, na *Ética da Responsabilidade* em Emmanuel Levinas. A responsabilidade do *Eu* pelo *Outro*. A *eleidade*.

Résumé

Le propos de cet article est de souligner l'importance attribuée au Visage, comme un vrai archétype, dans l'Éthique de Responsabilité chez Emmanuel Levinas. La responsabilité du Moi pour Autrui. L'illeité.

Palavras-chave: Levinas. *Rosto*. *Eleidade*. Ética. Responsabilidade.

Mots clefs: Levinas. *Visage*. *Illeité*. *Éthique*. *Responsabilité*.

1. À guisa de introdução: interpretando o *Rosto* como arquétipo

Se o tempo, em Levinas, é um tempo ético, como entender a *ética da responsabilidade* na temporalidade de nossa existência? Para responder a essa questão, partiremos da simbologia que o filósofo francês empresta ao *Rosto* e, como consequência, da conceituação, por ele criada, de *eleidade*. Fato é que a simbologia do *Rosto*, na filosofia levinasiana, alcança, a nosso juízo, o patamar de um verdadeiro *arquétipo*, conceito bem delineado por Carl Gustav Jung, no glossário de sua festejada obra *Memórias, Sonhos, Reflexões*:

* Pós-graduado em Filosofia pela UCB. Procurador de Justiça do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro. Professor de Direito da PUC-RJ.

A essas imagens e correspondências típicas, denomino representações arquetípicas. Quanto mais nítidas, mas são acompanhadas de tonalidades afetivas vividas... Elas nos impressionam, nos influenciam, nos fascinam. Têm sua origem no arquétipo que, em si mesmo, escapa à representação, forma preexistente e inconsciente que parece fazer parte da estrutura psíquica herdada e pode, portanto, manifestar-se espontaneamente sempre e por toda parte (op. cit. p. 485).

2. O Rosto. A *eleidade*

A simbologia do rosto é algo que vivenciamos, diariamente, em nossas vidas. E, numa reflexão superficial, percebemos o distanciamento das pessoas, seja no interior de uma casa ou de um escritório, seja nas ruas de uma cidade. Nenhum cumprimento, nenhum sorriso, nenhuma palavra. Um vai e vem de rostos que não se comunicam, que mal se olham a não ser quando algum interesse particular entra em cena. Se observarmos uma rua de grande movimento, veremos pessoas transitando com o olhar vazio, fixo no nada. A preocupação, no andar, direciona-se mais às coisas do que propriamente às pessoas. É comum cruzarmos com um conhecido que “nos vê”, mas que não “é visto”, fato que é comentado, em geral, posteriormente. O olhar projetado sempre para a frente nos impede de constatar o rosto que vem em sentido contrário; um rosto que certamente já vimos há muito tempo e que teríamos agora a oportunidade de rever; um rosto que se está vendo pela primeira vez e que seria muito útil guardar; um rosto que tornaremos a ver no futuro, seja num momento de festa, seja num momento de dor, um rosto-ajuda, um rosto-amigo, um rosto-prazer, um rosto-conversa... um rosto-morte. Será que sempre nos cruzamos por acaso? Será sempre por mera coincidência que um mesmo rosto surge à nossa frente?

Mas, para Levinas o rosto ultrapassa a individualização contextualizada, simbolizando algo que está além de uma descrição meramente estética, de uma identidade, de uma qualificação profissional. Para o filósofo, “O rosto é significação, e significação sem contexto. Quero dizer que outrem, na rectidão do seu rosto, não é uma personagem num contexto” (Lévinas, 2007:70). O rosto nos conduz, desde logo, a um patamar ético de responsabilidade com o Outro: “Mas a relação com o rosto é, num primeiro momento, ética” (*ibidem*: 70).

Penso que o Rosto, na filosofia levinasiana, corresponde a um arquétipo representativo da ética: “O rosto é o que não se pode matar ou, pelo menos, aquilo cujo sentido consiste em dizer: ‘tu não matarás’” (*ibidem*: 70). E a escolha do Rosto, no meu entender, desvinculado de qualquer contextualização, pode ser explicada pelo fato de que o ser humano tem, no rosto, a representação mais contundente de sua humanidade. Nenhuma parte do corpo humano é mais significativa do que o rosto. É através do rosto que a imagem humana se torna visível, assimilável, compreendida. E o rosto, no âmbito da filosofia de Levinas, ultrapassa os limites

do eu-tu, transformando-se num ele (*Eleidade*), “o para além, de onde vem o rosto” (UEA04-aula 5:04) que deixa entrever o caráter metafísico desse rosto:

O rosto do outro é uma presença misteriosa que está sempre em retirada e o significado do Enigma vem dum passado irreversível e irrecuperável. Esse modo de significar, o nosso autor explica (...) pelo pronome pessoal da terceira pessoa, pela palavra Ele. O Enigma vem-nos da “*Eleidade*” (*Illeité*) (*ibidem*).

Ao mesmo tempo em que se vê no Outro a finitude, com a possibilidade mesmo de seu aniquilamento, de sua destruição, de sua morte, surge o paradoxo de naquele Rosto estar inscrito o “Tu não matarás!”, na forma de imperativo ético inexorável. Como explicitado pelo próprio filósofo: “há sempre no Rosto de Outrem a morte e, assim, de certa maneira, incitação ao assassinato, tentação de ir até o fim, de negligenciar completamente a outrem – e, ao mesmo tempo, e esta é a coisa paradoxal, o Rosto é também o ‘Tu não matarás’” (Lévinas 2004:144).

3. A responsabilidade pelo Outro

A responsabilidade pelo Outro é, por conseguinte, “anônima” no sentido de que não recai sobre um “rosto” específico. O Rosto é tão somente o Outrem pelo qual assumimos responsabilidade. É a morte do Outrem que me importa e que me remete à minha própria morte. É como se abandonássemos completamente o egocentrismo, desviando nossa atenção inteiramente para o Outro, não importa quem ele seja ou o que ele faça. Por isso que, para Levinas, a relação que se forma entre o Mesmo e o Outro é assimétrica: “na relação ao Rosto, o que se afirma é a assimetria: no começo, pouco me importa o que Outrem é em relação a mim, isto é problema dele; para mim, ele é antes de tudo aquele por quem eu sou responsável” (*ibidem*:145). Esta assimetria importa dizer também que o Outro pode ser “o absolutamente fraco – ao que está absolutamente exposto, o que está nu e o que é despojado, é a relação com o despojamento e, por conseguinte, como o que está só e pode sofrer o supremo isolamento que se chama a morte” (*ibidem*:144). A sujeição do Mesmo ao Outro justifica a expressão de sermos um *ser-para-o-outro*. Mais importante ainda, o Rosto nos põe em contato com o próprio Infinito. Consoante afirmado por Levinas “A relação com o Infinito é a responsabilidade de um mortal por um mortal” (Levinas 1993: 131). E essa responsabilidade incondicional pelo Outro, poderia simbolizar, talvez, o desejo metafísico inconsciente de preservação da humanidade que, como multiplicidade sempre crescente de rostos, estaria num estado de relacionamento perpétuo com o Infinito. Segundo Levinas “No acesso ao rosto, há certamente também um acesso à ideia de Deus” (Levinas, 2007: 74). Na linha deste raciocínio, o filósofo assinala que “há que admitir um Deus infinito que pôs em nós a ideia do Infinito” (*ibidem*: 74). E acrescenta:

“Para Descartes, reside aqui uma das provas da existência de Deus: o pensamento não pôde ter produzido algo que o ultrapassa: era necessário que este algo tivesse sido posto em nós. Logo, há que admitir um Deus infinito que pôs em nós a ideia do Infinito” (*ibidem*: 74).

Parece difícil desvincular a *Ética da Responsabilidade* de um fundamento teológico. Veja-se que esta total abertura para o *Outro*, em termos de responsabilidade, significa não somente um abandono de si mesmo como também uma dedicação completa ao *Outro*, sem mesmo esperar dele uma atitude de reciprocidade. Trata-se, sem dúvida alguma, de um ato de bondade extremado, beirando mesmo à santidade. Tanto assim que o próprio Levinas, ao responder uma pergunta formulada por François Poirié, afirmou: “Há santidade, decerto, em preocupar-se com algum outro antes de ocupar-se de si, de velar por algum outro, de responder a algum outro antes de responder a si. O humano é essa possibilidade de santidade” (Poirié 2007:93).

Outro aspecto interessante na *Ética da Responsabilidade* é a questão da culpa. Levinas nos remete a uma frase de Dostoievski, destacada do livro “Irmãos Karamazov”: “Cada um de nós é culpado diante de todos, por todos e por tudo, e eu mais que os outros”. Essa culpa deve ser entendida como pressuposto dessa “responsabilidade”. A situação de miséria, por exemplo, em que muitos outros se encontram, decorre, em última análise, de uma falta de responsabilidade de todos nós, habitantes deste planeta. A culpa é o reconhecimento da inação generalizada de todos em relação a todos. E a minha culpa se torna maior do que a de todos os outros justamente pelo fato de estar consciente de sua existência e de me manter na inação. Veja-se que até o inimigo “merece” a nossa “culpa”. Porque a situação de inimizade pode ter sido resultante de nossa própria displicência no dar-se ao *Outro*, suprimindo-lhe a carência. Conforme acena Levinas, “Que consideremos o outro como um inimigo pode acontecer e acontece com muita frequência! Eu só falei de santidade como uma possibilidade. Mas o humano, no ser, é esta possibilidade” (*ibidem*: 94). Veio-me à mente a célebre frase do Cristo, bem antes de sua morte na cruz, quando bradou: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem!” (*Lucas, cap.23, versículo 34*). E Levinas esclarece que aquele que consegue ver no inimigo o *Outro* é porque conseguiu atingir a “santidade” que é uma possibilidade no ser humano: “A possibilidade de entender a língua original do rosto de outrem em sua miséria e em seu mandamento ético, essa maneira de ultrapassar em seu próprio ser seu esforço de ser, esse des-interesse é o bem” (*ibidem*: 94). E o *mal* se materializa justamente quando o *Mesmo* desvia sua atenção do *Rosto do Outro*, recusando-lhe responsabilidade.

4. Conclusão

Finalizando este breve resumo sobre a *Ética da Responsabilidade*, imprescindível destacar-se que a *identidade* do “eu” se constitui a partir dessa relação com o *Outro*, dessa “responsabilidade” que o despoja de uma consciência extremada de *si-mesmo*. Nos dizeres do filósofo:

De facto, trata-se de afirmar a própria identidade do eu humano a partir da responsabilidade, isto é, a partir da posição ou da deposição do eu soberano na consciência de si, deposição que é precisamente a sua responsabilidade por outrem. A responsabilidade é o que exclusivamente me incumbe e que, humanamente, não posso recusar. Este encargo é uma suprema dignidade do único (Levinas 2007: 84).

De acordo com o Professor Hutchens:

“A ética da responsabilidade significa, para o objetivo inicial de esclarecimento, que nós nascemos em um mundo de relacionamentos sociais que não escolhemos e que não podemos ignorar” (Hutchens 2007: 35).

Referências bibliográficas

Livros

HUTCHENS, B.C. (2007). *Comprender Levinas*. Trad. Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes.

JUNG, Carl Gustav (2006). *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. 1ª ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

LEVINAS, Emmanuel (2007). *Ética e Infinito*. Trad. João Gama. Lisboa: Biblioteca de Filosofia Contemporânea.

_____. (2004). *Entre nós – Ensaio sobre a alteridade*. Trad. Pergentino Stefano Pivatto (coord.) et al. 3ª ed. Petrópolis: Vozes.

POIRIÉ, François (2007). *Emmanuel Lévinas: Ensaio e Entrevistas*. São Paulo: Perspectiva.

Texto citado

UEA04-aula 5: 04- UCB (Universidade Católica de Brasília – *Filosofia e Existência*).